

Salvação em código aberto? Cultura digital, transumanismo e o desafio escatológico à pastoral urbana

José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral¹

Resumo: Este labor reflexivo analisa o documento *Quo vadis, humanista?*, situando-o no horizonte da cultura digital e da pastoral urbana. O objetivo é problematizar sua concepção antropológica diante do transumanismo, entendido como proposta de escatologia secular orientada à plenitude no aquém do mundo. O método articula análise teológica do texto magisterial e diálogo crítico com teorias da cultura digital e filosofia da técnica. Como resultado, evidencia-se que o documento, embora atento a riscos tecnológicos, subestima disputas simbólicas e desejos escatológicos emergentes nas cidades conectadas. Conclui-se que a pastoral urbana necessita integrar tais imaginários para discernir mediações digitais, humanização e esperança cristã no espaço contemporâneo.

Palavras-chave: Cultura digital. Tecnociência. Escatologia secular. Amortalidade.

74

1 Introdução

A cultura digital – expressão hodierna e ampliada da cibercultura: “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17) – transformou a experiência urbana vigente, redefinindo formas de sociabilidade, produção de sentido e elaboração das expectativas humanas sobre sofrimento, morte e futuro.

Em contexto de cibercultura, não se tem apenas cidades hiperconectadas; tem-se cosmovisões – formas de ver, viver e atuar no mundo – disruptivas. Uma dessas visões de mundo é estabelecida pelo transumanismo: movimento filosófico que trata da “evolução da humanidade” (Ferrando, 2020, p. 7). A tecnociência, em seus alcances e desdobramentos, é a mediação que ratifica e respalda a cosmovisão transumanista.

As promessas da antropotécnica – “insistência histórica e contingente na fabricação do humano como processo milenário” (Romandini, 2013, posição 49) – podem ser compreendidas, no contexto da cibercultura, como a radicalização técnico-digital desse processo de autoconstrução do humano.

No âmbito da transcendência tecnocientífica, o documento *Quo vadis, humanitas?* insere-se criticamente nesse cenário ao problematizar os rumos da autoconstrução humana diante das transformações tecnoculturais, interrogando as possibilidades abertas pela cibercultura e pela antropotécnica à luz de critérios éticos e antropológicos voltados à preservação da dignidade humana.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – Unicap. Professor e pesquisador na mesma instituição. E-mail: professorfabriciocabral@gmail.com



Os três tópicos que estruturam este texto – a saber: *A antropologia da cultura digital; A escatologia do transumanismo; Os imaginários digitais na pastoral urbana* – visam examinar criticamente as reconfigurações antropológicas e simbólicas do humano no contexto da cibercultura, tendo como pergunta: Qual é a correspondência do *Quo vadis, humanitas?* com uma visão consistente do humano?

2 A antropologia da cultura digital

Para a cultura judaico-cristã, a pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus é dotada de dignidade, relacionalidade e abertura ao transcendente; contudo, no contexto da antropologia da cultura digital, essa compreensão é progressivamente tensionada por mediações tecnológicas que reconfiguram a experiência de si, do outro e do mundo.

Na atualidade, o ser humano passa a ser interpretado não apenas como criatura – compreendida de modo acabado e teleológico –, mas como sujeito em contínua autoconstrução existencial-técnico-simbólica, cuja identidade é atravessada por redes, fluxos informacionais e interações mediadas por algoritmos.

Em sua peculiaridade, o que a antropologia da cultura digital evidencia? Ela evidencia um deslocamento significativo: sem negar a densidade teológica da condição humana, revela-se uma nova gramática de existência na qual a tradição antropológica dialoga, de forma crítica, com formas emergentes de subjetivação, presença e produção de sentido no ciberespaço.

Aqui, é válido destacar, o humano é concebido como sujeito em permanente processo de constituição, cuja identidade não se apresenta como dado fixo, mas como realidade aberta, configurada nas múltiplas mediações técnico-simbólicas que permeiam as suas possibilidades existenciais.

Enquanto realidade aberta, a condição humana, como status inserido em redes digitais e em fluxos contínuos de informação, passa a constituir-se na interação com dispositivos, plataformas e algoritmos que não apenas veiculam conteúdos, mas modulam percepções, escolhas e formas de reconhecimento.

Entretanto, o documento – *Quo vadis, humanitas?* – recorda:

Ser uma pessoa humana, com uma dignidade infinita, não é algo que construímos ou adquirimos, mas é fruto de um dom gratuito que nos precede [...]. E não é um dom que simplesmente recebemos no passado, mas algo que subsiste como dom em todas as circunstâncias da nossa existência, [...] tornando-se uma tarefa intransferível (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 2).



À luz dessa afirmação, o que implica reconhecer que, mesmo em meio às dinâmicas de autoconstrução técnico-simbólica, a identidade humana permanece fundada em uma anterioridade que a excede e a orienta, pois a realidade antropológica não se reduz às operações técnico-digitais que a configuram, mas também não precisa se resignar diante de uma compreensão estática da finitude.

A antropologia da cultura digital revela-se como um campo de tensão fecunda entre autoconstituição e dom, entre mediação técnica e anterioridade ontológica, exigindo um discernimento capaz de integrar essas dimensões sem reducionismos.

A compreensão do humano em questão, enfim, afirma-se como horizonte interpretativo que, ao articular autoconstrução e dom, permite compreender o humano em sua dinâmica histórica sem perder seu fundamento originário e orientador, o que abre caminho para examinar como tais dinâmicas são reconfiguradas no campo das promessas de plenitude e superação presentes na escatologia do transumanismo.

3 A escatologia do transumanismo

O deslocamento operado pela antropologia da cultura digital, ao compreender o humano como sujeito em contínua autoconstrução técnico-simbólica sem perder de vista sua fundamentação em uma anterioridade que o excede, conduz diretamente à necessidade de examinar como essa dinâmica é reinterpretada no horizonte das promessas contemporâneas de superação dos limites humanos.

O transumanismo, profecia em ação, é a cosmovisão que “opera com a convicção de que o ser humano pode e deve empregar os recursos da ciência e da tecnologia para superar os limites físicos e biológicos da condição humana, [...] até redesenhar o ser humano para torná-lo apto a ir além” (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 14).

A partir da visão de mundo acima, até que ponto a promessa transumanista de superação dos limites humanos reconfigura, sem esgotar, a pergunta pelo sentido último da condição humana? Tal pretensão aponta para uma transformação do horizonte humano cuja legitimidade e alcance requerem ainda discernimento crítico.

Essa inflexão, entendida como deslocamento no modo de compreender os limites, a finitude e a plenitude da pessoa humana, manifesta-se na crescente tendência de interpretar o humano não mais a partir da centralidade de seu déficit constitutivo, mas a partir das possibilidades de sua superação técnica. Isto porque a tecnociência se configura como ensejo que possibilita a efetivação do imaginário transumanista, o que se evidencia na seguinte afirmação:



O transumanismo [...] imagina um futuro em que os seres humanos aperfeiçoarão a forma biológica atual que caracteriza a natureza humana, para alcançar o objetivo da imortalidade individual apoiada pela tecnologia. No âmbito utópico da sua busca pela imortalidade imanente, o transumanismo pode ser interpretado como a expressão existencial de uma presunção ao mesmo tempo ingênua e arrogante (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 14).

A partir dessa caracterização, evidencia-se que o transumanismo desloca a compreensão da finitude para o horizonte de sua superação técnica, redefinindo a plenitude como resultado de um projeto imanente e funcional. Nesse movimento, torna-se necessário discernir criticamente seus pressupostos antropológicos e seus limites, mas também reconhecer suas promessas de ampliação do horizonte humano, ainda que marcadas por ambiguidades próprias do paradigma tecnocientífico.

É oportuno questionar: Em que medida a pretensão de “superar os limites físicos e biológicos da condição humana [...] até redesenhar o ser humano para torná-lo apto a ir além” (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 14) redefine, sem resolver plenamente, a questão da plenitude e do destino humano?

A tentativa de resposta acerca das pretensões da escatologia secular – a que “trata da esperança de se viver a transcendência na imanência do mundo do aquém demarcado pelo espaço e pelo tempo” (Cabral, 2024, p. 143) – é desafiadora, no entanto, exige reconhecer que tais propostas, embora ampliem o horizonte das possibilidades humanas, não esgotam a questão do sentido último da existência, permanecendo abertas a uma avaliação crítica de seus fundamentos e limites.

A escatologia do transumanismo revela-se como uma tentativa hodierna de reinscrever a busca humana por plenitude no horizonte das possibilidades tecnocientíficas, reinterpretando a finitude como limite superável e deslocando o sentido último da existência para uma lógica de aperfeiçoamento imanente.

A pretensão tecnocientífica expressa o desejo humano de superação, mas permanece marcada por ambiguidades que exigem discernimento antropológico e ético. Nesse entrelaçamento, delineia-se um campo simbólico em transformação, no qual emergem os imaginários digitais que atravessam a experiência religiosa e a pastoral urbana na atualidade.

4 Os imaginários digitais na pastoral urbana

Os imaginários digitais, configurados nas tramas da cibercultura, tornam-se mediações decisivas para compreender como a experiência religiosa é hoje reinterpretada e vivida no contexto da pastoral urbana, uma vez que:



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

a tecnologia digital já não é apenas uma ferramenta, mas constitui um verdadeiro ambiente de vida, com a sua própria forma de estruturar as atividades humanas e as relações. Este desenvolvimento tecnológico tem fortes repercussões na autocompreensão do sujeito [...] A era digital inaugura um novo horizonte de sentido em que pensamos e comunicamos (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 33).

Essa afirmação evidencia que o ambiente digital não apenas medeia, mas reconfigura a experiência de si e do mundo, instaurando novos horizontes de sentido nos quais a vivência religiosa também se reinscreve.

A partir do que se afirma, é válido ressaltar que a pastoral urbana é interpelada a discernir como tais mediações influenciam as formas de crer, esperar e projetar a plenitude humana em contexto de cibercultura, já que o agir pastoral é chamado a assumir uma postura de discernimento atento, capaz de reconhecer os imaginários digitais como espaços de produção de sentido, sem reduzi-los a ilusões passageiras ou a promessas vagas desprovidas de densidade existencial.

Ao mesmo tempo, exige-se uma atitude de escuta crítica, que permita compreender como tais imaginários remodelam as experiências de fé, evitando tanto a adesão acrítica quanto a rejeição simplista das mediações tecnológicas.

É válido destacar o quanto é imprescindível uma prática pastoral que seja propositiva e integradora, capaz de habitar o ambiente digital como espaço simbólico, articulando as buscas contemporâneas de plenitude com uma visão do humano orientada pela dignidade e pela abertura ao transcendente.

A necessidade de pensar a realidade – a partir de uma práxis transformadora – provoca a seguinte indagação: Como pensar uma prática pastoral que habite o ambiente digital, se, como ressalta o documento, “a tecnologia digital já não é apenas uma ferramenta, mas constitui um verdadeiro ambiente de vida [...] [que] tem fortes repercussões na autocompreensão do sujeito” (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 33)?

A ciência e a técnica influenciam a nossa maneira de ser e de estar no mundo, a ponto de envolver até mesmo a compreensão de nós mesmos, a nossa relação com os outros e a nossa relação com Deus. [...] Perante as mudanças culturais [...] a Igreja [...] sempre procurou discernir o bem do mal (Comissão Teológica Internacional, 2026, n. 30)

Da afirmação acima deduz-se que as transformações tecnológicas não operam apenas no nível instrumental, mas alcançam a própria estrutura relacional e simbólica da existência humana, afetando a forma como o sujeito se compreende e se vincula ao outro e a Deus.

E agora, o que fazer? Em síntese, o agir pastoral passa pelo discernimento, uma vez que o ambiente tecnológico se configura como espaço existencial e teológico. Assim, não se trata apenas de utilizar as tecnologias, mas de interpretar criticamente seus impactos na constituição da experiência religiosa, orientando a ação pastoral



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

segundo critérios que salvaguardem a dignidade humana e promovam uma compreensão integral da vida cristã no contexto da cibercultura.

O discernimento, nesse contexto, pode ser compreendido como a capacidade crítica de interpretar os significados e impactos dos imaginários digitais à luz de uma visão integral do humano, distinguindo suas ambiguidades sem reduzir sua complexidade.

Trata-se de um exercício que evita tanto a rejeição imediata quanto a adesão acrítica, reconhecendo que tais imaginários expressam buscas reais de sentido. Assim, a postura pastoral não consiste em demonizá-los nem em sacralizá-los, mas em abrir-se às suas possibilidades, orientando-as a partir de critérios que promovam a dignidade humana e a abertura ao transcendente.

79

5 Considerações finais

O documento *Quo vadis, humanitas?* apresenta alta correspondência com uma visão consistente do humano, ao articular a dignidade originária da pessoa com sua realização histórica. Nesse sentido, evita reduzir o humano à autoconstrução técnica, reafirmando-o como dom que precede e orienta a existência.

Ao mesmo tempo, demonstra consistência ao dialogar com o transumanismo, reconhecendo suas aspirações de superação, mas evidenciando seus limites quando reduz a plenitude a um horizonte imanente e tecnicista. Assim, mantém uma compreensão do humano que integra abertura ao futuro sem romper com sua finitude constitutiva.

Por fim, essa correspondência se consolida no modo como o documento permite discernir os imaginários digitais sem reducionismos, reconhecendo suas ambiguidades e possibilidades. Dessa forma, oferece uma antropologia capaz de sustentar uma leitura crítica e integrada do humano na cibercultura.

Referências

CABRAL, José Fabrício Rodrigues dos Santos. **Crenças transumanistas**: a superação do envelhecimento, o fim da morte e o advento do fibiigital. 2024. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1853>. Acesso em: 16 jun. 2026.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Quo vadis, humanitas?** Reflexão sobre a antropologia cristã perante alguns cenários sobre o futuro do ser humano. Vaticano: Dicastério para a Doutrina da Fé, 2026. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20260304_quo-vadis-humanits_po.html. Acesso em: 16 jun. 2026.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

FERRANDO, Francesca. Prefácio. In: OLIVEIRA, Jelson; LOPES, Wendell E. S. **Transumanismo**: o que é, quem vamos ser. Caxias do Sul: EducS, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. **A comunidade dos espectros**: I. Antropotecnia. Desterro: Cultura e Barbárie, 2013. E-book.

